



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III  
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO  
CURSO DE HISTÓRIA

WAGNER PEREIRA DE OLIVEIRA

**A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO NA VIDA DO DOCENTE**

Guarabira – PB

2017

WAGNER PEREIRA DE OLIVEIRA

**A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO NA VIDA DO DOCENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito necessário para a obtenção do Grau de Licenciatura em História.

**Orientadora:** Prof. Dra. Simone da Silva Costa

Guarabira - PB

2017

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

O48i Oliveira, Wagner Pereira de  
A importância do estágio na vida do docente [manuscrito] /  
Wagner Pereira de Oliveira. - 2017.  
36 p.  
  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2017.  
"Orientação: Simone da Silva Costa, Departamento de  
História".

1. Estágio Supervisionado. 2. Prática de Estágio. 3. Educação  
de Jovens e Adultos. I. Título.

21. ed. CDD 374

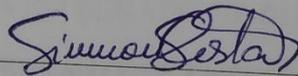
WAGNER PEREIRA DE OLIVEIRA

**A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO NA VIDA DO DOCENTE**

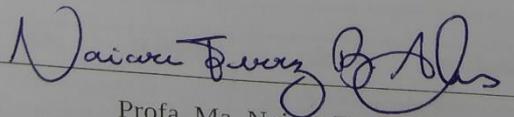
Monografia apresentada pelo aluno Wagner Pereira de Oliveira, do Curso de Licenciatura em História, tendo obtido o conceito 8,5 conforme a apreciação da Banca Examinadora constituída pelos professores:

Aprovado (a) em: 19 / 04 / 2017

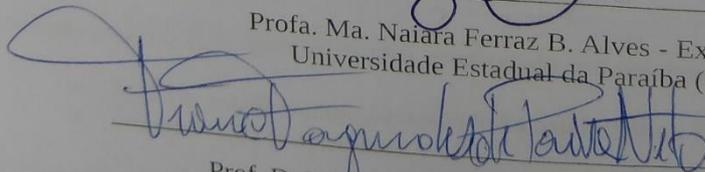
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Simone da Silva Costa - Orientadora  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Ma. Naiara Ferraz B. Alves - Examinadora  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Francisco Fagundes de Paiva Neto - Examinador  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

DEDICO A minha Mãe, Ana Helena Pereira, pelo Amor, carinho, compreensão, e vida que a mesma tem ofertado em meu favor. Pelo exemplo de ser humano, caráter e força de vontade que sempre deu a mim, através de suas atitudes desde sempre.

## AGRADECIMENTOS

Talvez o sentimento mais significativo para mim e que descreve bem este momento em minha vida seja o de **GRATIDÃO**. Pois é tão somente inspirado por este sentimento, que me vem à memória as pessoas que contribuíram para que hoje eu pudesse estar vivenciando este momento único em minha vida, que é a conclusão deste curso na área de História.

Primeiramente a **Deus** seja dada toda honra e glória pela dádiva da vida, pela salvação da minha alma e por ter sido meu pilar de sustentação, tendo Ele me ajudado até aqui.

Aos meus pais **Luiz Carlos Souza de Oliveira** e **Ana Helena Pereira**, que me deram todo amor, carinho e uma gama de valores morais e éticos das quais sei que jamais vou negá-los. A minha mãe em especial pela sua amizade e compreensão que não consigo descrever.

Aos meus irmãos **Klebson, Lidiane e Débora Pereira de Oliveira**, que dentro de suas respectivas particularidades, sendo um totalmente diferente do outro, têm somado com o meu crescimento e desenvolvimento como pessoa.

A minha noiva **Cryslayne Ferreira de Lima**, que foi uma incentivadora assídua afim de que eu concluísse minha formação dentro desta graduação. A ela, minha gratidão por ter permanecido ao meu lado e por ter contribuído diretamente para que eu pudesse estar me formando, além de contribuir para o meu amadurecimento em quanto homem. Que Deus esteja sempre à nossa frente em nossa longa caminhada.

Aos meus amigos mais chegados que irmãos **Rogério da Silva Macena, Myliena Maria Martins Marques Meira** e **Alderí Delfino de Oliveira**, que desde que cheguei a esta cidade estiveram ao meu lado, onde pudemos crescer e amadurecer juntos. E mesmo cada um deles tendo casado, nossas relações se estreitaram ainda mais, tornando este elo ainda mais forte e especial. Que Deus venha abençoar a cada um suprimindo todas as suas necessidades e dando-lhes sucesso em todos os âmbitos de suas vidas.

Aos meus colegas de turma de História 2010.2 que ao longo dos anos de Universidade sempre me estenderam a mão e dentro deste espaço, unidos pelas dificuldades que a carreira

acadêmica naturalmente oferece, acabaram por contribuir para o conhecimento um do outro, tornando-nos mais fortes para vencer os obstáculos que surgiram na nossa caminhada dentro do curso e que virá posterior a esta fase. Em especial aos parceiros de curso: **Cicleide Tereza, Wewerton Alexandrino, Joelma Felipe e Tercílio Noberto** que sobretudo na reta final do curso me ajudaram de alguma forma significativa.

A amiga solidária **Renata Gonçalves** que muito me ajudou para que eu obtivesse essa formação, me apoiando e incentivando com palavras de ânimo em momentos que pensei não ser capaz de produzir este Trabalho de Conclusão de Curso. Que Deus recompense seu feito te ajudando em tudo, realizando seus sonhos e projetos.

Agradeço também a UEPB de Guarabira pelo ensino e formação que me ofertaram, por meio de seus docentes através da minha orientadora **Simone da Silva Costa**, da professora e hoje Coordenadora do curso de História **Naiara Ferraz Bandeira Alves**, que sempre se mostrou solícita em ajudar a todos que procurasse a coordenação. E em especial a uma professora que não mais se encontra entre nós, mas que marcou a minha vida através do seu amor e dedicação em pró do melhoramento da educação, que foi a professora **Marisa Tayra Teyura**, da qual sei que jamais deverei esquecer, por se referir aos jovens da nossa sociedade com tanta fé, e, por preparar o profissional de História não só com técnicas ou conhecimentos teóricos, mas também com amor pelo ofício de ensinar.

## MEMORIAL

Meu nome é Wagner Pereira de Oliveira, nasci em 24 de Fevereiro de 1992, no Estado do Rio de Janeiro, vivi até os 10 anos de idade na comunidade da Rocinha, uma das maiores comunidades da América Latina. Filho de um pedreiro e de uma revendedora de joias que não tiveram a mesma oportunidade que eu de estudar, mas que me deram total apoio e suporte para que eu chegasse até aqui.

Iniciei meus estudos na primeira fase do fundamental ainda no Estado do Rio de Janeiro no Colégio CIEP Nação Rubro Negra, no bairro do Leblon, onde o colégio funcionava em horário integral de 7:30 da manhã as 17:00 da tarde Tendo um acompanhamento contínuo por parte dos professores e direção da escola que ao notarem alguma dificuldade no aluno, seja ela relacionada a queda de rendimento escolar no quesito nota ou comportamento os pais eram convocados para uma reunião no intuito de ajudar o aluno. Lá eu pude me desenvolver como criança da 1ª série até a 4ª série, absorvendo não somente os componentes básicos ensinados na escola, como também a cultura do Rio de Janeiro, uma vez que estudavam ali não apenas crianças de comunidades, mas também crianças de outras partes do Rio.

No CIEP, tive o prazer de ter como exemplo de pessoa e profissional, a professora Berenice Calcanhotto de Britto que foi a primeira profissional da área de ensino que me inspirou. Ela, através do seu profissionalismo me fez acreditar que poderia mudar minha vida mesmo sendo eu, morador de uma comunidade.

Dias antes de eu completar onze anos de idade, em fevereiro de 2003, vim juntamente com os meus pais e três irmãos para Guarabira, e aqui iniciei a antiga 5ª série, hoje chamado 6º ano do Fundamental, na Escola Raul de Freitas Mouzinho, que fica a poucos metros da minha casa. Ali, estudei da quinta a sétima série.

Em 2006, minha mãe me matriculou no Colégio Osmar de Aquino, onde tive a oportunidade de acrescentar um pouco mais de conhecimento nos estudos, conhecer novos professores e colegas.

No ano 2007 fui para a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Soares de Carvalho. Lá, eu pude reencontrar colegas das duas escolas que estudei anteriormente, o que contribuiu muito para minha adaptação nessa nova escola. Foram os melhores três anos escolares, dos quais guardo com muito carinho as lembranças. Sejam elas dos alunos ou mesmo dos meus professores, que me acompanharam até o término do ensino médio.

No segundo semestre de 2010, iniciei minha caminhada acadêmica na Universidade Estadual da Paraíba, no Campus III. Logicamente senti muita dificuldade nos dois primeiros anos de curso devido a linguagem dos textos que eram trabalhados em sala de aula, pois a mesma não era utilizada nos meus anos anteriores de ensino médio. Somada a essa dificuldade, devo destacar que sempre trabalhei durante o curso, o que devo admitir, não foi fácil, pois muitas vezes cheguei cansado e desatento nas aulas, devido ao dia puxado de trabalho.

Lembro-me que certa vez eu estava em sala de aula muitíssimo cansado do dia de trabalho que tinha tido, pois eu trabalhava como balconista em uma papelaria aqui em Guarabira, e no meio da aula a professora pediu para que formássemos equipes de três e fizéssemos um trabalho, porém, eu estava tão cansado que eu não aceitei entrar em nenhum grupo por não estar conseguindo dialogar e nem ler o texto. Acontece que em poucos minutos após a divisão dos grupos, eu adormeci e só acordei no término da aula. A professora naquele momento foi sensível a minha situação e gentilmente me permitiu fazer uma prova individual na semana seguinte em outra turma. Então, esse episódio me marcou muito e retrata bem não só a minha História, mas de diversos outros estudantes em todo país; jovens brasileiros, de origem pobre e que busca em meio a dificuldades alcançar seu espaço por intermédio do estudo.

Entretanto, mesmo com muita dificuldade consegui concluir todos os componentes curriculares durante os cinco anos de curso, tendo a certeza de que fiz o melhor que pude, considerando todos os percalços que tive durante este tempo em que frequentei a universidade.

## RESUMO

Este trabalho propõe expor as experiências vividas durante o componente de Estágio em História no Curso de Licenciamento, da Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira- PB, no Campus III. As atividades foram realizadas durante seis aulas no Colégio Estadual de Guarabira, sendo a primeira aula no dia 15 de maio, a segunda em 22 de maio e a terceira em 05 de junho de 2015. Onde em cada um desses dias foram ministradas duas aulas por noite, em horários seguidos, em uma única turma com cerca de trinta alunos pertencentes ao 2º Ano do Ensino Médio da EJA. Para que este trabalho fosse concluído, diversos textos de autores conceituados na área da Educação foram trabalhados, além da utilização de recursos como observações e intervenções que aconteceram durante o processo de estágio, dando assim, um maior conhecimento do assunto que está sendo tratado. O objetivo deste trabalho se deu na busca de referenciar e evidenciar a significância do período de estágio no desenvolvimento do profissional de História, uma vez que este momento de estágio é recorrente e necessário ao final de cursos de licenciatura voltados para educação. Para isso, o relato da experiência como professor estagiário e os métodos de ensino adotados em sala de aula foram descritos afim de apresentar o cotidiano do estagiário na sala de aula, frente à uma turma, além de algumas situações que o mesmo eventualmente pode ou poderá passar. Logo, como principais referenciais teóricos, foram utilizados para fundamentar este trabalho os seguintes autores: (LIMA E PIMENTA, 2012), (PIMENTA, 2006), (PASSINI, 2010), (SCHMIDT e CAINELLI, 2004), (ARAÚJO, SOBRINHO, 2017)

**Palavra chave:** Estágio, Prática de Estágio, EJA.

## ABSTRACT

This work proposes to expose the experiences lived during the component of Stage in History in the Licensing Course of the State University of Paraíba, Guarabira - PB, Campus III. The activities were carried out during six classes in the State College of Guarabira, the first class being on May 15, the second on May 22 and the third on June 5, 2015. Where on each of these days two classes were taught by Night, in a single class with about thirty students belonging to the 2nd Year of EJA High School. In order for this work to be completed, several texts by renowned authors in the area of Education were worked on, in addition to the use of resources such as observations and interventions that took place during the internship process, thus giving a better knowledge of the subject being treated. The purpose of this work was to search for and highlight the significance of the internship period in the development of the history professional, since this stage of internship is recurrent and necessary at the end of undergraduate education courses. In order to do so, the report of the experience as a trainee teacher and the teaching methods adopted in the classroom were described in order to present the trainee's daily life in the classroom, in front of a class, and some situations that the latter may or may pass. Therefore, as the main theoretical references, the following authors were used to base this work: (LIMA AND PIMENTA, 2012), (PASSINI, 2010), (SCHMIDT and CAINELLI, 2004), (ARAÚJO, SEBRINHO, 2017)

**Keyword:** Internship, Praticice Internship. EJA.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>2</b>	<b>APRESENTAÇÃO DO CAMPO DE ESTÁGIO.....</b>	<b>14</b>
2.1	QUANDO O “MEU EU” NASCE PARA A PROFISSÃO: ASPECTOS FÍSICOS DO NOVO LOCAL DE TRABALHO.....	14
2.2	ASPECTOS PEDAGÓGICOS.....	14
<b>3</b>	<b>O ENSINO DE JOVENS E ADULTOS.....</b>	<b>16</b>
3.1	EJA, A MODALIDADE DE ENSINO PARA AQUELES QUE POSSUEM FORÇA DE VONTADE.....	16
<b>4</b>	<b>ANÁLISE TEÓRICA SOBRE A EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO.....</b>	<b>18</b>
4.1	A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO PARA A FORMAÇÃO DO FUTURO PROFESSOR.....	18
<b>5</b>	<b>REGÊNCIA.....</b>	<b>23</b>
5.1	PRIMEIRO CONTATO COM A PROFESSORA FÁTIMA.....	23
5.2	PRIMEIRA AULA ESTÁGIO.....	24
5.3	SEGUNDA AULA DO ESTÁGIO.....	26
5.4	TERCEIRA AULA DO ESTÁGIO.....	28
5.5	OS INSTRUMENTOS DE PESQUISA.....	31
5.6	PROCEDIMENTOS.....	32
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>33</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>35</b>

## **1 INTRODUÇÃO**

O presente trabalho tem como objetivo apontar as principais reflexões que um aluno de graduação da área de História pode ter a partir de seu estágio, assim, como também busca demonstrar a vinculação existente entre a teoria desenvolvida na universidade e a prática junto aos alunos da educação de nível médio. O período do estágio compreende a formação do aluno e também a construção da personalidade e identidade do futuro professor.

O convívio com o ambiente escolar, o estar em sala de aula nos possibilita perceber também os desafios e inúmeros obstáculos que os professores encontram no seu ambiente de trabalho, a exemplo do excesso de aulas ministradas durante a semana, muitas vezes ensinando em mais de duas escolas, o difícil plano de carreira voltada ao profissional docente, a falta de material didático, as estruturas das salas de aulas ineficientes, a superlotação de alunos, a relação entre professor e aluno, a falta de tempo e condições para qualificação profissional, desvalorização da profissão, entre tantos outros desafios e entraves.

Diante do que foi exposto e procurando apresentar a importância do estágio na formação docente, irei relatar minha experiência de estágio vivenciada na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Soares de Carvalho, no município de Guarabira – PB, em uma turma de jovens e adultos, que compreende a modalidade da Educação de Jovens e Adultos – EJA.

## **2 APRESENTAÇÃO DO CAMPO DE ESTÁGIO**

### **2.1 QUANDO O “MEU EU” NASCE PARA A PROFISSÃO: ASPECTOS FÍSICOS DO NOVO LOCAL DE TRABALHO**

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Soares de Carvalho, localizada no Bairro Primavera em Guarabira-PB, conhecida popularmente como Colégio Estadual de Guarabira (CEG) possui uma área de aproximadamente 2.000 m<sup>2</sup> de área construída composta por dois prédios sendo um o prédio principal (composto por três blocos – A, auditório e B) destinado à acomodação da estrutura das salas e outro ocupado pelo Ginásio Poliesportivo, chamado o “Portuguesão”.

O prédio principal acomoda 20 salas de aulas em total funcionamento, 5 banheiros, além de uma biblioteca, um laboratório de informática, uma sala de vídeo, direção, coordenação, uma sala de professores com um espaço amplo, cozinha, cantina entre outras, possui também um grande auditório, localizado no centro da área das salas de aulas. As salas de aulas medem aproximadamente 25 m<sup>2</sup>, possuem louça branca, janelas de madeira com grades, ventiladores e cadeiras suficientes para o alunado.

A instituição possui 02 TVs, 02 computadores, um data show, um notebook, um circuito de vigilância eletrônica (câmeras) monitorando algumas salas e os principais corredores de acesso da escola. Vale aqui ressaltar que a escola citada é contemplada pelo programa do Governo Estadual, que distribuíu tabletes aos alunos do período diurno do Ensino Médio.

### **2.2 ASPECTOS PEDAGÓGICOS**

O grupo de servidores é formado por 20 funcionários composto entre efetivos e contratados, operando em diferentes funções tais como: limpeza, alimentação e segurança.

O corpo discente é formado por cerca de 2.000 alunos, de classe baixa e/ou média-baixa vindos do próprio município de Guarabira e cidades vizinhas, além da zona rural.

O corpo docente é formado por 70 professores, detentores de Licenciatura em suas respectivas áreas de ensino, além de alguns que possuem especialização. Grande parte é de classe média, casada, do sexo feminino, mas também existem professores do sexo masculino; boa parte faz parte do quadro efetivo da escola, além de alguns prestadores de serviços.

No âmbito pedagógico, a direção da Escola oferece o ensino regular e EJA no período noturno, desenvolvendo projetos como o Programa mais Educação em que é oferecido em tempo integral ao alunado, oficinas nas áreas de língua portuguesa e matemática.

### 3 O ENSINO DE JOVENS E ADULTOS

#### 3.1 EJA, A MODALIDADE DE ENSINO PARA AQUELES QUE POSSUEM FORÇA DE VONTADE

Antes de abordarmos o debate entre Teoria e Prática à cerca do estágio e de sua representação para a vida do Discente, bem como, a problematização de como é lecionar nos dias de hoje, falaremos, um pouco, sobre os alunos que fizeram parte da minha primeira prática docente. Diante disso é importante mencionar aqui, informações sobre a Educação voltada para Jovens e Adultos.

A modalidade EJA em nosso país traz consigo toda uma estrutura que está atrelada ao discurso humanista no sentido de promover a inclusão do jovem na sociedade em que este está inserido, socializando e habilitando-o a se recolocar no mercado de trabalho, nas universidades, também em concursos públicos ou se igualar em termos de conflito com a sociedade, onde esse indivíduo por vezes se enxerga inferior por não ter um nível escolar compatível com o meio em que pertence, ou que se considere mínimo.

Os motivos que levam por diversas vezes o jovem a não frequentar a escola, a abandonando num período regular de suas vidas ainda continuam os mesmos que nas últimas seis décadas, tais como: uma base familiar extremamente humilde fazendo com que este jovem comece a trabalhar para ajudar na renda de casa desde muito cedo, o fator ligado a relacionamentos precoces, causando assim em muitos casos, gravidez ainda na adolescência ou o deslumbramento em conquistar bens materiais de um modo antecipado por intermédio do trabalho, fazendo com que este deixe a escola.

Contudo, para se argumentar à respeito da EJA se faz necessário compreender que esta é uma modalidade de educação que tem além dos objetivos citados anteriormente, o propósito de maximizar o potencial já existente nesse adulto, ampliando suas aptidões em conformidade com o seu conhecimento obtidos extra sala de aula.

Apesar de ser uma modalidade de ensino atendido pelo Governo brasileiro por décadas, é apropriado lembrar que a EJA não tem o devido reconhecimento por parte da sociedade e nem do Governo, não recebendo o investimento necessário para que este formato de ensino seja mais eficaz e cooperador na educação e qualificação dos jovens e adultos que fazem parte da EJA.

São milhares de pessoas que são compreendidas pelo Ensino de Jovens e Adultos em todo território, que ultrapassam inúmeros obstáculos diariamente para estarem presentes de segunda a sexta feira em sala de aula de 19:00 horas às 22:00 horas. É a rotina de trabalho pesado em

horário integral, é a responsabilidade em sustentar casa, famílias, são pessoas que moram em comunidades ou em regiões rurais, mais afastadas dos centros escolares, são pessoas que dependem de transporte público para trabalhar e estudar. Enfim, são incontáveis as barreiras que essa geração de adultos ultrapassam para estarem na escola.

Porém, mesmo com essa notável e real dedicação de milhares de jovens e adultos em prol da inicialização ou continuação de seus estudos através da EJA, afim de transpor sua realidade e qualificar-se para o mercado de trabalho, tem-se aqui que fazer menção a gestão não concisa por parte do Governo em favor da EJA, do quanto se gasta financeiramente neste formato de educação, de campanhas públicas que incentivem ao adulto ou jovem que parou de estudar para que este volte a frequentar novamente a sala de aula, possibilitando através desta, uma maior visibilidade. Projetos que viabilizem o jovem a ingressar ou regressar à escola num horário mais cômodo, saindo do modelo convencional onde os horários que iniciam as aulas não favorecem aqueles jovens e adultos que trabalham até as 18:00 e ainda tem de se deslocar do seu trabalho para casa e posteriormente ir à escola, não dando condições necessárias para que esse adulto possa absorver de modo mais eficaz o conteúdo ensinado. Revelando ai uma certa “não prioridade” com o Ensino de Jovens e Adultos, uma vez que não se sabe de projetos que pensem no bem-estar e desenvolvimento destes que querem estar estudando.

## **4. ANÁLISE TEÓRICA SOBRE A EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO**

### **4.1 A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO PARA A FORMAÇÃO DO FUTURO PROFESSOR**

Por muito tempo associou-se à ideia de que História serviria apenas para explicar os acontecimentos grandiosos ao longo do tempo e que esse componente curricular não teria função maior do que lembrar os grandes feitos, além de fazer menção aos nomes dos maiores líderes envolvidos em suas respectivas Histórias dentro do seu recorte temporal e, o responsável por repassar este conhecimento para as crianças é o profissional de História, sendo mais específico o docente.

No decorrer do tempo, em nossa sociedade, o ensino de História passou por várias modificações, é possível dizer que a História e tudo que a envolve, foi uma das áreas que mais sofreram com a ação do homem ao longo do tempo, logo, o nosso campo de atuação passou a ganhar outra visibilidade, muito embora isso tenha demorado alguns anos para se expandir de fato.

Diante dessa nova apresentação da Historiografia, e por consequência da História, houve uma mudança significativa na área de atuação, seja ela na pesquisa ou prática, a partir daí a História deixa de ser um produto pronto e acabado que deve ser apenas recordado e passa a ser algo que deve ser refletido juntamente com os alunos. Nesse momento, a figura do professor ganha outra visibilidade e sua formação ainda enquanto discente começa a ser melhor elaborada, sendo este ensinado ainda quando no processo de sua formação a incentivar, promover e despertar no aluno, um ser reflexivo que não busca a História “feita” ou bem acabada como é tratado na “Escola Nova” Introdução dos PCN’s que propunha que os conteúdos pudessem contribuir econômica, social e culturalmente, desenvolvendo no aluno as suas diferentes capacidades.

Esse professor estimulador que busca impulsionar o amadurecimento do componente curricular em sala de aula ganha essa característica ainda no seu posto de formação, sendo abastecido de toda fundamentação teórica nas Universidades e posteriormente sendo transportado para prática, durante o estágio supervisionados nas escolas; na tentativa de sempre dosar um meio termo entre teoria e prática.

Diante dessa premissa o estágio se mostra de suma importância na vida profissional do docente em formação ao ponto de ser obrigatório no currículo do futuro professor, em um espaço sócio – institucional conforme descreve a Lei de Diretrizes e Bases da Educação

Nacional 6.494 sancionada em 07 de dezembro de 1977, assinala de modo objetivo sobre os alunos pertencentes ao ensino profissionalizante de 2º grau e também superior e oferece providências, tal como aponta o Art. 1º no parágrafo 3º:

Os estágios devem propiciar a complementação do ensino aprendizagem a serem planejados, executados, acompanhados e avaliados em conformidade com os currículos, programas e calendários escolares.

E ainda consta na LDB vigente em nosso país 9.394/96 em seu artigo de número 82 o seguinte:

Os sistemas estabelecerão as normas para a realização dos estágios dos alunos regularmente matriculados no ensino médio ou superior em sua jurisdição.

Parágrafo único: O estágio realizado nas condições deste artigo não estabelece vínculo empregatício, podendo o estagiário receber bolsa se estágio, estar assegurado contra acidentes e ter cobertura previdenciária prevista na legislação específica.

Conforme é sabido, o Estágio Supervisionado é um componente curricular obrigatório por parte da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9.394/96 para a formação do docente em um curso de Licenciatura, fazendo que seja cumprido a carga horária mínima de 420 horas de estágio, dando ao mesmo a oportunidade de adquirir experiência à frente de uma sala de aula. O Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONSEPE) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) percebe o período do Estágio Supervisionado como uma ocasião de extrema importância na carreira do docente em concepção tendo em vista que este componente curricular costuma promover o primeiro contato dos licenciados com a sua futura profissão, dando a estes, uma noção maior daquilo que eles encontrarão ao aceitarem o desafio da sala de aula.

O estágio supervisionado para os alunos que ainda não exercem o magistério pode ser um espaço de convergência das experiências pedagógicas vivenciadas no decorrer do curso, e, principalmente ser uma contingência de aprendizagem da profissão docente, mediada pelas relações sociais historicamente situadas. (PIMENTA e LIMA, 2004, p.102)

O estágio permite ainda que aqueles estagiários que já exercem a função de lecionar, consigam ampliar seus horizontes no que cerne as técnicas metodológicas, melhorando suas práticas de ensino, adquirindo novas habilidades, aprimorando seu conhecimento e suas práticas a serem utilizadas em sala de aula. É somente através do contato entre o estagiário e o local do seu estágio que ele poderá estabelecer de modo eficaz uma melhor relação entre a teoria e prática; é um elo de saberes formado entre a sala de aula e o conteúdo aprendido na universidade, sendo uma experiência ainda que curta, mas válida, devido a sua intensidade.

Durante o processo de estágio, ali, na sala, que ocorre o ápice de toda sua trajetória em quanto professor em formação: “

...o estágio deve ser um momento de síntese dos conteúdos, das matérias de ensino, das teorias de aprendizagem e das experiências pessoais, bem como deve constituir-se um processo de reflexão-ação. (PIMENTA, 2006, p. 75)

Ao falar do Estágio, Pimenta, a autora, retrata bem esse momento vivido pelo estagiário, como um momento onde um balanceamento se faz necessário durante este processo e assim o docente em formação possa executar o que foi trabalhado e estudado na Universidade. Passini acrescenta:

As dificuldades encontradas nessa parceria entre Universidade e escola básica na construção e mediação do conhecimento podem ser sintetizadas na realização de trabalho em equipe, avaliação contínua e diagnóstica, manutenção da concentração e da disciplina para aprendizagem significativa e fim da relação tradicional entre professor, aluno e conhecimento. (2010. P. 22).

Um ponto sempre discutido nos polos acadêmicos é ação do profissional da área de História, em como ele fará, quais os artifícios e metodologias ele realizará para fazer com que o aluno ainda na sua formação básica, passe a questionar e refletir historicamente sua sociedade e o meio no qual ele está inserido. Como ele fará para impulsionar esses alunos a confrontarem a “História pronta”, engessada, sem falhas, como leva-los a interrogar a “verdade absoluta”, a História única? É nessa busca de formar o aluno pensador/reflexivo que se evidencia não a construção de um aluno com respostas prontas e bem encaixadas como estão nos livros didáticos, mas sim de alguém que tenha a capacidade de enxergar e discutir o mundo ao seu redor. Assim, o professor é aquele que:

(...) ajuda o aluno a adquirir ferramentas de trabalho necessárias para aprender pensar historicamente, o saber – fazer, lançando os germes do histórico. Ele é o responsável por ensinar ao aluno como captar e valorizar a diversidade das fontes e dos pontos de vista históricos, levando-o a reconstruir, por dedução, o percurso da narrativa histórica. Ao professor cabe ensinar ao aluno como levantar problemas, procurando transformar, em cada aula de História, temas e problemáticas em narrativas históricas. (SCHMIDT e CAINELLI, 2004, p.30).

Conforme citado no trecho acima fica explicito a importância do professor no desenvolvimento do aluno assim como o aluno tem uma grande parcela de importância para a formação e solidificação do professor, principalmente no seu período de estágio conforme nos

diz Pimenta e Lima (2004) “o professor é um agente que facilita o conhecimento e aprendizagem do aluno, contribuindo para seu crescimento pessoal e intelectual”.

O período de estágio se dá como um momento bastante oportuno para que o estagiário absorva novas formas de repassar o conteúdo estudado para aquela aula e extrair por consequência o melhor de seu aluno. Sendo que é durante as aulas de estágio que o docente em formação terá uma maior aproximação com a sua futura profissão, até mesmo os métodos de ensino podem ser repensados no período de estágio, uma vez que o futuro professor tem de se adequar à escola que ele foi direcionado para estagiar e ali dependendo da situação, ele terá que se desdobrar para passar o conteúdo da melhor forma possível para a sua turma, usando o material que a escola lhe ofertar, bem como nos aponta Castro:

“o Estágio Supervisionado precisa oferecer condições para que os diferentes saberes aprendidos revertam-se em capacidades específicas no exercício docente ao aproximar o aluno-professor da realidade concreta, futuro campo profissional” (2000 apud ARAUJO e SOBRINHO. 2009, p.03).

Definitivamente uma das preocupações mais pertinentes na mente de um estagiário ou professor, que deseja somar com a educação e formação do aluno, é como fazer com que o conteúdo apresentado não seja apenas mais um assunto, sem relevância alguma tanto para ele enquanto docente, como para o aluno. E ainda qual a melhor maneira de apresentar esse conteúdo, de modo que possa oferecer uma contextualização com a realidade de ambos, fazendo assim com que haja a diferença na vida de todos os envolvidos, pois apresentar um tema em sala de aula e a partir disso trazer uma reflexão bem fundamentada, pode sim realizar mudanças contundentes na vida do aluno.

É seguindo esta linha de pensamento à cerca do professorando que se nota a importância do estágio na inicialização da carreira docente, porquanto, o momento de estágio é capaz de guiar o professor em formação no que se refere a construção do seu “eu” enquanto professor, na sua identidade como profissional da área da educação e também na escolha do que usar em sala de aula no que diz respeito à aspectos científico e metodológicos.

“é construída ao longo de sua trajetória como profissional do magistério. No entanto, é no processo de sua formação que são consolidadas as opções e intenções da profissão que o curso se limita a legitimar”. (LIMA E PIMENTA, 2012, p. 62).

É válido mencionar que mesmo estando num período bem inicial da sua carreira, o estagiário ainda está desmistificando, conhecendo, e por que não dizer, avaliando, se optará ou

não pela profissão professor, e que certos conceitos definitivamente não fazem mais sentido, como a ideia de que o professor é canal único de conhecimento.

Pois bem, como referido anteriormente neste trabalho, o aluno que está na sala de aula tem sim um conhecimento prévio que vai além de suas experiências pessoais, ou de fato vividas. Os alunos desta segunda década dos anos 2000, tem sim uma porta de conhecimento que vai muito adiante dos livros didáticos ou dos professores que estão à frente de suas aulas. A porta da qual me refiro é a internet. E não há como ignorá-la, como se esta ferramenta não fosse algo que o aluno já não soubesse dominar.

Contudo, cabe ao docente estimular ao aluno utilizar esta ferramenta de modo produtivo, no qual o aluno enxergue as possibilidades de conhecimento que esta pode proporcionar ao mesmo, conforme nos diz a OCEM- Orientações Curriculares nacionais do Ensino Médio:

“O papel do professor é possibilitar que, ao acessar a informação, o aluno tenha condições de decodificá-la, interpretá-la e, a partir daí, emitir um julgamento” (2006, p. 33).

## 5. REGÊNCIA

### 5.1 PRIMEIRO CONTATO COM A PROFESSORA

No dia 6 de Abril, segunda-feira, ao chegar na Escola Estadual para conversar com a professora Fatima Rufino para saber acerca dos horários em que ela tinha compromisso com as suas turmas; a mesma nos contou que tinha disponível uma turma formada por alunos da EJA com dois horários seguidos, nas sextas feiras.

Posterior a essa informação, a professora nos deu a sugestão de quais assuntos poderíamos trabalhar com as turmas e após uma conversa com a professora Fátima ficou acertado que as aulas aconteceriam nas próximas três semanas, nas sextas feiras, trabalhando os conteúdos no terceiro e quarto horário. Os temas que seriam abordados na sala de aula foi sugerido por ela, afinal eu tinha como objetivo principal, estagiar, adquirindo assim uma nova experiência, sendo útil também para obtenção da carga horária necessária do período de estágio, e depois, ajudar a professora a manter seu cronograma de ensino junto a turma. Então, a mesma me aconselhou que eu passasse para os alunos na primeira aula a temática: “A resistência escrava”, comentando a vinda dos escravos para o Brasil enquanto este ainda era colônia de Portugal, passando pelas formas como esses escravos viviam aqui, os formatos de trabalho que eles eram submetidos até as formas de resistências, citando seus principais líderes; como por exemplo o Zumbi dos Palmares. Diante disso voltei para casa com a incumbência de planejar a melhor aula possível para trabalhar essa temática em sala.

## 5.2 PRIMEIRA AULA ESTÁGIO

A primeira aula foi realizada na noite de 15 de maio de 2015, trouxe como citado acima a temática da resistência escrava. Esta aula foi iniciada com uma breve explanação do conteúdo que seria tratado, buscando o conhecimento prévio dos alunos e ao mesmo tempo estimulando o interesse desses pelo assunto que seria repassado naquela noite.

À princípio, iniciei a aula discutindo o cenário geopolítico e econômico na Europa no século XVI, aonde as viagens marítimas estavam em alta e a busca por terras era uma importante maneira de demonstrar seu poderio. Após a chegada dos portugueses em solo brasileiro, passou-se a investir na exploração de diversos produtos como o ouro, o tabaco, a prata e sobretudo a constante exploração do pau-brasil, algodão e principalmente o açúcar, que exigiu por parte da metrópole um maior investimento em mão de obra. Dando aí uma ênfase na escravatura que já envolvia os indígenas que aqui viviam, mas que não eram tão bem preparados para esse sistema de plantação e colheita, diferentemente dos homens negros que vieram da África que tinham (segundo o entendimento dos portugueses um físico melhor do que os índios) e já sabiam como trabalhar melhor nesse sistema. Em seguida, conversei com os alunos a forma como os escravos vinham do continente africano sendo capturados, retirados a força da sua família e do seu país.

Após essas informações foi mostrado a maneira que esses homens eram trazidos nos navios tumbeiros, aglomerados e sofrendo maus tratos durante os mais de quarenta dias que duravam a viagem. Muitos não aguentavam a escassez de alimento, a falta de higiene nos porões dos navios que vinham abarrotados de pessoas num espaço reduzido, a violência sofrida ou mesmo a grande tristeza que sentiam da sua terra (banzo). Aos que aqui chegavam eram tratados a base de milho e vendidos como animais para senhores de engenhos para executarem os mais diversos trabalhos braçais existentes na época.

Após falar sobre a vinda dos escravos para a colônia, passei a relatar sobre o dia-a-dia dos escravos, mostrando os tipos de moradias que eles ocupavam que eram as senzalas cobertas de sapé feita de madeira e barro. As duras jornadas de trabalho, com mais de 14 horas de serviço também foram citadas, iniciando seus trabalhos ao raiar do dia até o sol se pôr, sempre acompanhados da vigilância dos feitores e capatazes à mando dos senhores de engenhos. As vestimentas que eram em geral trapos de tecidos, as péssimas refeições além das senzalas que eram alojamentos utilizados por senhores de engenho como abrigo para seus escravos construídas com barro, madeira, telha ou palha, elas existiram juntamente com a escravidão, entre os séculos XVI e XIX, também ganharam espaço na aula apresentada.

Na sequência falei acerca da resistência que muitos daqueles escravos faziam para se defenderem dos maus tratos que sofriam dos seus senhores ou capitães do mato. Foi mostrado algumas formas de resistência usadas pelos escravos onde eles: Quebravam as máquinas do engenho, colocavam fogo no canavial, suicídio, as mulheres provocavam abortos, assassinavam feitores, patrões e também empreendiam fugas para os quilombos (aldeias constituídas por escravos fugitivos, os quais podiam viver ali conforme a sua cultura e em liberdade); tudo isso para se verem livres da violência e opressão sofrida pelos senhores dos engenhos. Violência essa das quais se destacavam o tronco, o bacalhau, o vira-mundo e a gargalheira.

Por fim destaquei a luta que o Zumbi dos palmares promoveu em pró da liberdade do povo negro que era escravizado nas senzalas e engenhos, sendo capturado e morto pelo bandeirante Domingos Jorge Velho. Antes de encerrar o tema, passei para os alunos um trecho do Filme Tráfico Negroiro Amistad de 08:47 minutos, que retratou tudo o que foi dito durante a aula, fixando de modo ainda melhor a temática dos escravos.

Ainda sim, houve por parte de um aluno um comentário durante a aula dizendo que não tínhamos avançado tanto no que diz respeito a caráter um com o outro em quanto seres humanos. Eu não entendi a colocação dele e então o aluno explicou a sua fala repetindo o que eu tinha comentado com a turma e mostrado por intermédio do filme pouquíssimo tempo antes dele fazer a sua observação que foi o fato de no período em que estávamos estudando, ou seja, o período escravocrata, era comum um negro ser carrasco do outro, ao ponto de trair seu irmão de cor, afim de ser beneficiado pelo seu senhor. Onde muito negros se tornavam malfeitores ao ponto de caçar seus companheiros quando fugiam, chegando até mesmo matar uns aos outros. Como se não bastasse essa leitura do conteúdo apresentado, o aluno comparou essa situação mostrada no filme com a nosso tempo presente, dizendo que isso ocorre quando a população mais pobre, coloca um integrante de seu meio no poder público crendo que este irá representá-lo e lutar por seus pares, mas este que passa a ter um certo “poder”, nega quem o colocou naquela posição; não fazendo nada por eles, desprezando-os completamente.

O fato foi que após ele concluir seu raciocínio eu particularmente fiquei satisfeito em ver que aquele aluno não só absorveu o conteúdo aplicado, como também fez por si próprio uma analogia do passado contextualizando com o seu presente de acordo com a sua realidade. Sem dúvidas, ter uma boa recepção dos alunos no primeiro dia de aula foi ótimo, mas ver e ouvir o aluno a respeito do que ele aprendeu na sala de aula e a maneira como o mesmo comparou passado e presente, foi muito gratificante.

### 5.3- SEGUNDA AULA DO ESTÁGIO

Na noite de 22 de maio de 2015, eu voltei a escola estadual de Guarabira para realizar a segunda etapa do relatório; apresentando a segunda aula com a temática: “A Mineração no Brasil colonial”. Ao entrar na sala de aula os alunos já estavam prontos e visivelmente mais ambientados comigo, perguntando sobre o que eu falaria naquela aula.

Após dar o tema principal, mostrei a eles a divisão do trabalho que iria realizar comentando sobre: a descoberta do ouro, as revoltas que eclodiram naquele período, levantei a discussão de onde foi parar o ouro que foi extraído do Brasil desde a chegada dos portugueses e finalizei mostrando um pequeno vídeo que fazia menção a tudo o que havíamos trabalhado durante a aula.

Comecei a aula contando quando foram encontrados os primeiros vestígios de ouro no Brasil, nas regiões de Sabará e Ouro Preto por volta de 1603 pelos bandeirantes. Em seguida foi mostrado por intermédio de imagens e dos comentários sobre as mesmas, as formas existentes de extração de ouro que eram as lavras e faiscação. O modo como o trabalho nas minas acontecia também foi tratado, quem eram as pessoas que trabalhavam lá (em grande maioria negros escravizados) que eram submetidos a condições precárias, eles eram mal alimentados, sofriam punições quando cometiam alguma falha, ficavam o dia inteiro com as pernas dentro da água ocasionando muitas mortes por doenças pulmonares, malária entre outros acidentes nas minas.

Algo muito importante que foi tratado com a turma foram as formas como o governo português passou a regular a riqueza que estava sendo achado nas minas, como a Intendência das Minas que era órgão responsável pela administração das Datas (lotes de terra).

Posteriormente foi comentado a criação do quinta, que era um imposto pago à Portugal, correspondente a 20% do arrecadado em solo da colônia, da Finta, a casa de fundição e a capitação. Por fim desta primeira etapa da aula foi mostrado algumas consequências da mineração no estado de Minas Gerais como: o aumento da população, o desenvolvimento dos comércios nas regiões próximas aos locais de mineração, o surgimento da classe média que adveio com a formação de pequenas cidades trazendo para as mesmas carpinteiros, advogados, professores, pedreiros, médicos etc. Somado a isso a mudança da capital da colônia de Salvador para o Rio de Janeiro.

No tocante as revoltas que surgiram nesse período foram citadas as guerras dos emboabas (1707-1709) e a guerra de Vila Rica (1720) tendo como líderes o Manoel de Borba Gato e Manoel Nunes Viana. A Guerra dos emboabas foi o conflito que se deu entre os bandeirantes

paulistas e o emboabas (portugueses e imigrantes de outras regiões do Brasil) por causa das minas que haviam sido recém descobertas na região das Minas Gerais. Os bandeirantes afirmavam que só eles tinham o direito de explorar aquela região por terem sido os primeiros a chegarem lá. Enquanto os emboabas alegavam que as terras eram deles e que portanto quem deveria recuar, deixando aquela região seria os bandeirantes. Em 1709 os bandeirantes são derrotados e partem em busca de ouro nos estados de Mato Grosso e Goiás.

Em 1720 surge uma revolta contrária ao aumento da exploração colonial por parte dos portugueses. Um dos estopins para o início desse movimento foi a criação das casas de fundição, que fundia o ouro, o datava, colocava-se o escudo do império, retirava-se a quinta parte desse ouro (cerca de 20%) e só daí o mesmo poderia ser comercializado, o que impossibilitava a circulação do ouro em pó. Para findar com essa revolta o Governador Conde de Assumar, manda executar o principal líder da revolta, Felipe dos Santos.

O último subtema tratado com a turma foi: Para onde o ouro retirado aqui do Brasil foi parar? E qual o destino deste ouro. A partir deste ponto pude “revelar” algo que os alunos simplesmente desconheciam que era justamente o caminho que tomou todo o ouro que saía das minas aqui do Brasil. Todos pensavam que a riqueza que aqui foi captada teria partido e ficado em Portugal, tudo isso, porque os lusos tinham um vínculo com a Inglaterra e foi o material extraído do Brasil (ouro) que financiou a revolução industrial da Inglaterra e também serviu para gastos nas obras do Império em Portugal.

Finalizando a aula, passei um pequeno documentário que tinha por título: “O Ciclo do Ouro no Brasil de aproximadamente 06 minutos (seis minutos) de duração, que serviu para firmar tudo quanto foi discutido em sala de aula para a turma do 2º ano EJA, da escola estadual de Guarabira, desde a descoberta do primeiro ouro, passando pelas revoltas até a explicação de qual teria sido o destino final do ouro.

Essa segunda aula foi bastante satisfatória enquanto estagiário pois foi notório o nível de respeito que a turma teve por mim e com certeza mesmo eu estando já prestes a sair de uma universidade, eu era sim um dos mais jovens em sala; talvez de cinco a oito alunos apenas eram mais jovens que eu, e os demais, na sua maioria, tinha entre a minha idade, já passando dos vinte anos, ou mais velhos com mais de trinta e cinco anos. Ou seja, houve sim de minha parte uma insegurança de como a turma iria se portar com um professor estagiário da idade deles. E surpreendentemente eu pude atestar a consideração que tiveram comigo quando, por duas ou três vezes pedi que um ou outro grupo falasse mais baixo para que não atrapalhasse o prosseguir da aula.

E, para além disso, fiz no final da aula com o auxílio do data show, um tipo de Quiz, onde eram levantadas perguntas sobre a aula que tínhamos acabado de ter e que o grupo vencedor ganharia um pequeno prêmio. Eram perguntas que tinham muitos detalhes e que exigia dos grupos respostas rápidas e precisas. Logicamente essa brincadeira gerou um pequeno alvoroço, mas tudo dentro de uma normalidade sadia. Foi um final de aula muito bom, e ambos os grupos ganharam um pequeno mimo; um chocolate.

#### 5.4 TERCEIRA AULA DO ESTÁGIO

A última aula na turma do foi no dia 05 de junho de 2015, com o tema A Industrialização Brasileira. Essa temática também foi sugerida pela professora Fátima Rufino que estava preparando os alunos para o vestibular, dando-lhes assuntos mais específicos para a prova citada. Desta feita, ao começar a aula fiz a seguinte pergunta que dividiu os alunos: O Brasil é um país industrializado?

Após lançar essa pergunta, iniciei a aula mostrando que o processo de industrialização não iniciou-se mais cedo porque não era de interesse da metrópole (Portugal) que a sua colônia se desenvolvesse. Não à toa, Portugal proibia a criação de fabricas no nosso território, sendo permitido a colônia adquirir e consumir apenas produtos manufaturados vindos de Portugal.

Apenas no final do século XIX que começou o desenvolvimento industrial do Brasil, esse processo só foi possível depois de os cafeicultores começarem a investir parte dos lucros, obtidos com a exportação do café, implantando indústrias, principalmente em São Paulo e Rio de Janeiro. Muitos desses trabalhadores eram imigrantes Italianos que trabalhavam em fábricas têxtis.

Avançando no conteúdo, falei sobre dois governos que muito contribuíram para a industrialização do Brasil, dando ênfase sobretudo aos governos de Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek, que contribuíram de modo incisivo no crescimento do Brasil no século XX com investimentos na indústria como todo.

No período de Getúlio Vargas (1930-1945) foi dado o primeiro grande impulso rumo a um considerável desenvolvimento na nossa indústria. Foi em seu governo que as indústrias nacionais ganharam importância, não permitindo uma dependência por parte do país ao capital externo. Leis trabalhistas foram promovidas durante o seu governo e medidas que visavam a proteção do mercado nacional que cresceu significativamente à partir da década de 1930 e 1940.

Getúlio soube tirar proveito da segunda guerra mundial, importando produtos que os países envolvidos na guerra necessitavam.

Getúlio ganhou do povo o título de “o pai dos pobres” devido as leis trabalhistas que foram lançadas no seu governo, destacando-se: Controle dos sindicatos, Criação do salário mínimo e a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Após explicar um pouco de cada item citado anteriormente também comentei a criação de duas grandes estatais no Brasil que foi a Petrobrás e o Vale do Rio Doce em 3 de outubro de 1953. Sendo a Petrobrás responsável pela produção (borracha sintética, tintas, plásticos, fertilizantes, etc.) movimentando muito dinheiro desde a sua criação até os dias atuais. Para além disso, outro advento no governo Vargas foi o êxito rural, donde milhares de pessoas saíram do interior do país, largando a atividade com terras, passando a morar nas cidades e trabalhando em grandes fábricas.

Após encerrar a discussão sobre as medidas adotadas no governo de Getúlio Vargas, prossegui no conteúdo dando início a uma nova fase do Brasil no século XX, sendo liderado por Juscelino Kubitschek (1956-1961).

Sobre este governo o Brasil ganhou um grande impulso para a industrialização, o JK pretendia através do seu Plano de Metas desenvolver o país em cinco anos, mudanças essas que demorariam cinquenta anos. A partir daí, citei três grandes investimentos por parte do Governo JK em pró do desenvolvimento das indústrias no Brasil.

O primeiro setor que vimos foi o automobilístico, com empresas estrangeiras investindo em montadoras no território nacional sendo anteriores ao governo de JK. A Ford foi a primeira a se instalar e fabricar um modelo nacional em 1919, o Modelo T; também chamado de “Ford Bigode”. Em 1925 chega a General Motors. Já sob o governo de Juscelino Kubitschek em 1956, o Geia - Grupo Executivo da Indústria Automobilística. Em 1956 por Juscelino Kubitschek, inaugurou, em São Bernardo do Campo, a primeira fábrica de caminhões com motor nacional da Mercedes-Benz e a fábrica da Volkswagen. Viriam em seguida a também alemã DKW, a francesa Simca e a americana Willys.

Juscelino Kubitschek se mostrou um grande estrategista durante o seu governo, pois soube combinar a emergência em trazer o capital exterior por meio das indústrias automobilísticas somado ao segundo grande feito que foi apresentado a turma do 2º Ano EJA, que foi a construção de estradas. A construção de estradas foi fundamental no processo de crescimento industrial, pois só a partir dessas estradas que os automóveis de pequeno e grande porte (construídos no Brasil) poderiam trafegar, sendo que também formaram-se empresas que distribuía óleo, gasolina, peças para as fábricas entre outros produtos que estavam sendo muito comercializados no Brasil mas que até este investimento, não tinha como “rodar” em solo

brasileiro. Outra razão que também levou a construção de estradas foi a necessidade de ligar/ampliar o Brasil de um local ao outro.

O terceiro grande feito de Juscelino Kubitschek foi a mudança da Capital do país que passou a ser Brasília, deixando sua antiga sede, o Rio de Janeiro. Para atingir esse feito JK apresentou algumas razões que o levou a concretizar tal ação: J.K acreditava que era importante um isolamento dos políticos da população. Uma justificativa para a transferência da capital para Brasília foi a colonização e o desenvolvimento do centro-oeste do país. Na visão de Juscelino, era preciso ocupar a última fronteira do Brasil. Outro motivo que ele alegou era que essa medida deveria ser tomada para a segurança políticos. Brasília era considerada muito mais segura do que a capital anterior, localizada no litoral e, portanto, um alvo fácil para eventuais marinhas inimigas.

Por fim, refiz a pergunta inicial aos alunos indagando se eles achavam o Brasil industrializado. A resposta de sim foi quase que unânime entre os alunos, tendo em vista a grande evolução do país em pouco mais de um século.

O Brasil durante o governo JK obteve resultados positivos, ele conseguiu atrair o investimento estrangeiro aumentando o número de postos de trabalho nas indústrias, na construção civil, transportes, comunicação, serviços de eletricidade, gás, água e esgoto. Passou-se a produzir um pouco de tudo no Brasil, como: bens geradores de energia, o petróleo e seus derivados, tais como gasolina, óleo diesel e óleo combustível; o que só tem engrandecido o nome do país até os dias atuais no exterior, confirmando o mesmo como uma potência em desenvolvimento e progresso.

Um fato relevante acontecido na sala de aula foi que na última semana, no dia 4 de Junho de 2015 foi feriado nacional dia de Corpus Christis, uma quinta-feira, e, normalmente é comum que as escolas façam o chamado “imprensado”, não realizando suas atividades na sexta-feira. E no dia seguinte tínhamos a última aula marcada, e ao manter contato via telefone com a professora Fátima Rufino a mesma informou que teria aula normal, só que no turno da manhã e tarde poucos alunos estiveram na sala de aula e em algumas salas todos os alunos estavam ausentes e a noite poderia ocorrer a mesma forma. Mas, como aconteceu um laço de afinidade entre estagiário/alunos informei a professora que todos os alunos estariam presentes na sala de aula devido ao conhecimento que eles iriam receber naquela sexta-feira, eu realmente estava confiante que isso ocorreria. E, ao chegar à escola pude observar a falta de alunos circulando nos corredores e que em algumas salas de aulas todos os alunos estavam ausentes, mas na porta da turma da professora Fátima Rufino os alunos estavam presentes me aguardando para poder

assistir a aula e conhecer um pouco mais da História do nosso país. Houve aula naquela sexta-feira, e eu pude enfim concluir o meu estágio.

Ao final da aula parabeneizei todos os alunos presentes por estarem ali naquele momento. Pude dizer que eles eram vitoriosos, pois muitos na escola não vieram e eles eram vencedores por virem em busca de conhecimento. Ao término da aula observei que apenas a nossa turma estava na escola e a professora mais uma vez agradeceu e que nunca tinha visto uma cena daquela, que qualquer outro professor, que estivesse no nosso lugar, os alunos não teriam tido a ação de permanecer na sala e teriam ido embora. Eu disse à professora Fátima que os méritos eram dela, por estar sempre presente cotidianamente na vida educacional de cada aluno, dando exemplo a eles.

Ao sair da sala de aula, um grupo de três jovens chegaram até mim perguntando se ainda haveria mais alguma aula de estágio de minha parte, eu reforcei o aviso dizendo que não mais estaria com eles, pois a minha carga horária de estágio já tinha sido completada. Então, cada um deles agradeceu por eu ter estado com eles, dizendo que gostaram das aulas que estive à frente da turma e que aprenderam assuntos que pareciam chatos, mas que foram bem interessantes. Um deles, o que na semana anterior tinha trazido uma breve reflexão sobre os negros que “traíram” seus irmãos e os homens que chegam ao poder mas dão as costas para os que o ajudaram a chegar no seu posto, chegou a pedir desculpas pelas vezes em que a turma não teria colaborado com o silêncio na explanação do conteúdo. Mais uma vez, eu os cumprimentei e desejei sucesso a cada um deles e em seguida me despedi com o sentimento de dever cumprido. Esse foi o último acontecimento na escola, sendo muito marcante para mim enquanto estagiário.

## 5.5 OS INSTRUMENTOS DE PESQUISA

A realização deste trabalho se tornou possível por intermédio de observações e intervenções na turma da EJA. Com uma turma de cerca de trinta alunos matriculados, com faixa etária de 15 a 35 anos de idade.

O recurso utilizado na sala para representar melhor o que estava sendo discorrido foi o retroprojetor, através da apresentação de slides, visto que os alunos não dispunham de livros didático. Somando assim para uma melhor compreensão e interpretação dos temas propostos.

## 5.6 PROCEDIMENTOS

A pesquisa foi realizada na Escola Estadual de Ensino fundamental e Médio Professor José Soares de Carvalho, na turma de 2º ano E, pertencente ao EJA. Através do espaço cedido pela direção, foi possível vivenciar a experiência de estar à frente de uma sala de aula durante três semanas, por dois horários seguidos, ensinando e aprendendo com a componente curricular de História.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este referido estágio se tornou de fundamental importância para a aquisição de conhecimentos técnicos na área de ensino. As aulas foram apresentadas de modo expositivo com êxito, partindo sempre do diálogo entre o estagiário e a turma. Desde o meu encontro inicial com a turma tentei ao máximo trazer os assuntos discutidos nas aulas para a atualidade dos alunos, até a minha última ação dentro da escola, onde sai com mais experiência e noção da importância do estágio e do professor na sala de aula.

Estagiar neste final de curso se mostrou extremamente válido para mim como aluno do curso de História e também como futuro profissional da área da educação, afinal depois de cumprido o período de Estágio eu já posso me considerar um professor. Foi por intermédio das aulas apresentadas na escola, que consegui sentir melhor o ambiente da sala de aula e também fora dela, sentindo o clima e envolvimento de alguns profissionais da escola Estadual de Guarabira.

Esse período de estágio na escola E.E.E.F.M. Professor José Soares de Carvalho, serviu de experiência, como uma oportunidade para interagir com os alunos de uma turma da EJA, que de forma agradável e proveitosa, não ofereceram nenhuma dificuldade para que as aulas fossem ministradas, os métodos adotados foram de importância para despertar o interesse dos alunos sobre os temas abordados.

Porém, a satisfação de concluir esse estágio existiu não apenas por eu ter apresentado os conteúdos ou por eu ter vencido a insegurança e timidez. Mas principalmente por ter somado de alguma forma com aqueles jovens. Ter sido professor, ainda que estagiário, de uma turma da EJA foi algo muito expressivo, uma vez que a grande maioria deles já passaram dos dezoito anos de idade e já tem suas responsabilidades. Alguns deles já eram casados, pais de família, outros, estavam ali na sala de aula muito cansados pelo seu dia de trabalho, e isso dava pra se notar quando eles chegavam em sala de aula, bem mais calmos e sem alarde se comparados aos alunos que estudam lá durante o dia, pois não trabalham, já eles, os alunos da EJA ao olhar para o rosto alguns deles, era um bocejo, olhos avermelhados, uma leve coceira nos olhos como se dissesse: - Ei, não é hora de dormir!

Trabalhar com uma turma de EJA foi me enxergar em cada um deles, quando que por várias vezes eu não conseguia prestar atenção nas aulas que eu tive durante a minha caminhada na UEPB por estar muito fadigado com o dia inteiro de trabalho. Trabalhar com o EJA foi

renovador, pois sempre que um deles levantava a mão para me fazer uma pergunta, era como se eles estivessem dizendo mesmo que cansados, que eles queriam ir mais além.

A seriedade nos estudos por parte desses jovens da EJA é algo estimulante e digno de admiração, porque são jovens que trabalham duro durante o dia, mas, ainda sim, vão para a sala de aula em busca de se capacitarem afim de conquistarem algo melhor e mais relevante em suas vidas.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Raimundo Dutra de; SOBRINHO, José Augusto de Carvalho Mendes. **Estágio Supervisionado. Espaço de Formação e fomentação da pratica pedagógica do professor.** IN: Importância da Vivencia Escolar como Instrumento na Formação do Futuro Professor. Campina Grande/PB: NASCIMENTO, Geisiane Antonita do. 2014, pg. 16 (Relatório de Estágio) Disponível em:

<<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/8950/1/PDF%20-%20Geisiane%20Antonita%20do%20Nascimento.pdf>>. Acesso em: 01 Dez. 2016

Lei nº. 6494 de 7 de Dezembro de 1977

<<http://www.fssestagio.uerj.br/legislacao/lei6494.pdf>> Acesso em: 26 nov. 2016

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em:

<[http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394\\_ldbn1.pdf](http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf)>. Acesso em: 14 de março de 2017

LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. Estágio e construção da identidade profissional docente, IN: \_\_\_\_\_. **Estágio e docência.** 7º ed. São Paulo: Cortez, 2012. Cap. 2 – parte 1. 59-76. (Coleção docência em formação – Série Saberes Pedagógicos). Disponível em: <<http://www.uesb.br/eventos/semanapedagogia/anais/55CO.pdf>>. Acesso em: 02 Abr. 2017.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA: Orientações Curriculares para o Ensino Médio, Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias, Volume 2, 2006. p.33. Disponível em:

<[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book\\_volume\\_02\\_internet.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_02_internet.pdf)>. Acesso em: 2 Abr. 2017

PIMENTA, Selma Garrido e LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência.** São Paulo: Editora Cortez, 2004.

PIMENTA, Selma Garrido. **O Estágio na Formação de Professores – Unidade Teoria e Prática?**. São Paulo: Cortez, 2006

PASSINI, Elza Yasuko. **Pratica de Ensino de Geografia e Estágio Supervisionado.** 2º Ed. pg. 22. São Paulo: Contexto, 2010.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. Ensinar História. São Paulo: Scipione, 2004. Disponível em: <<https://www.espacoacademico.com.br/077/77cerezer.htm>>. Acesso em: 02 Abr. 2017.